

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
CFORM/MEC/SEEDF

O USO DAS TECNOLOGIAS COMO FACILITADORA DO
LETRAMENTO NA ESCOLA

JOSÉ DAVID CAMPELO MORENO

Brasília, dezembro de 2015

JOSÉ DAVID CAMPELO MORENO

**O USO DAS TECNOLOGIAS COMO FACILITADORA DO
LETRAMENTO NA ESCOLA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Letramentos e práticas interdisciplinares nos Anos Finais (6ª a 9ª série) como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Letramentos e práticas interdisciplinares.

Orientador(a): Profª. Dra. Maria do Rosário
Cordeiro Rocha

Brasília, dezembro de 2015

O USO DAS TECNOLOGIAS COMO FACILITADORA DO LETRAMENTO NA ESCOLA

JOSÉ DAVID CAMPELO MORENO

Projeto aprovado em 12 de Dezembro de 2015 Banca examinadora:

1º membro: Prof^ª. Dra. Maria do Rosário Cordeiro Rocha

2º membro: Prof^º Dra. Carmem Jená Machado Caetano

SUMÁRIO

I INTRODUÇÃO -----	6
II PRESSUPOSTOS TEÓRICOS -----	8
2.1 LETRAMENTO -----	8
2.2 LETRAMENTO NA ESCOLA -----	11
2.3 ANALFABETISMO FUNCIONAL NO BRASIL -----	13
2.4 AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA ESCOLA -----	17
2.5 LETRAMENTO DIGITAL -----	19
2.6 TECNOFOBIA E TECNOFILIA -----	20
III A PESQUISA -----	21
3.1 METODOLOGIA -----	21
3.2 ANÁLISE DE DADOS -----	23
3.3 RESULTADOS -----	31
IV CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	31
V REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	32
VI ANEXOS -----	35

RESUMO

Hoje o cotidiano exige, não apenas codificar sons e letras, mas entender os significados do uso da leitura e da escrita em diferentes contextos. Em decorrência dessa nova realidade social, surgiu o termo letramento, que segundo Soares (1998), caracteriza aquele que sabe fazer uso do ler e do escrever, que responde às exigências que a sociedade requer nas práticas de leitura e de escrita do cotidiano. Um pensamento semelhante encontramos na definição de alfabetização funcional de Moreira (2006) que define como sendo a habilidade do indivíduo de ler, escrever e falar e computar e resolver problemas em níveis de proficiência necessários para funcionar no trabalho e em sociedade. Em confronto com este conceito de letramento, temos no Brasil cerca de 20,03% da população, segundo censo do Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE) de 2010, e de 27%, segundo o Instituto Paulo Montenegro, de pessoas consideradas analfabetos funcionais, e que precisam ser letradas.

Essa parcela da população é constantemente marginalizada nos grupos sociais, trabalho, escola e apresenta os piores salários, segundo Botelho (2015). E neste quadro crítico do Brasil, a escola, sendo a principal instituição responsável pelo ensino da leitura e escrita, deve procurar revisar o conceito de alfabetização e buscar novas metodologias, priorizando uma alfabetização plena. Neste intuito, será que o uso de novas tecnologias da comunicação e informação podem contribuir como facilitadoras do letramento? Já que elas surgem como novas possibilidades de comunicação, interação, troca de conhecimentos, o que propicia novas formas de aprender, ensinar e produzir conhecimento? Tentando responder estes questionamentos o presente estudo se propõe a: fazer uma análise do uso das tecnologias como ferramenta do letramento; conhecer a opinião dos alunos envolvidos na pesquisa sobre as tecnologias empregadas em sala de aula e verificar se os professores valorizam essas novas ferramentas.

A pesquisa teve cunho descritivo, tendo como premissa que esta técnica visa observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los. Ela foi analisada de forma quantitativa de uma amostra de 6

professores de Letras Português, que foram entrevistados, e 70 adolescentes , que responderam dois questionários com 6 questões de múltipla escolha e uma questão aberta, Após a análise dos dados foi verificado que a tecnologia empregada nesta pesquisa, vídeos curtos da internet, apresentaram um resultado satisfatório para as questões de difícil interpretação e no que se refere a riqueza de detalhes na questão aberta, já pelas entrevistas, verifica-se que, mesmo a maioria dos professores reconhecendo o valor do uso das tecnologias, eles ainda apresentam dificuldades em utilizá-las em sala de aula.

I INTRODUÇÃO

Anteriormente saber ler e escrever de forma mecânica era um avanço na capacidade das pessoas em interagir com os diferentes textos e situações que circulavam pela sociedade. Porém, hoje o cotidiano exige, não apenas codificar sons e letras, mas entender os significados do uso da leitura e da escrita em diferentes contextos.

Toda essa nova demanda social, no que diz respeito a questão de apropriação do ler e escrever para atender as necessidades de comunicação e informação do novo mundo, fez surgir o termo letramento, que Soares (1998), caracteriza por aquele que sabe fazer uso do ler e do escrever, respondendo às exigências que a sociedade requer nas práticas de leitura e de escrita do cotidiano. Um pensamento semelhante, encontramos a definição de alfabetização funcional, que Moreira (2006) define sendo a habilidade do indivíduo de ler, escrever e falar, computar e resolver problemas em níveis de proficiência necessários para funcionar no trabalho e em sociedade, para atingir nosso conhecimento e potencial, sendo assim, podemos afirmar que cerca de 20,03 % da população brasileira, segundo censo do Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE) de 2010, e de 27%, segundo o Instituto Paulo Montenegro, são pessoas consideradas analfabetos funcionais, e que precisam ser letradas.

Este índice de analfabetismo funcional no Brasil, mesmo apresentando quedas ao longo dos anos, ainda é considerável e preocupante, já que esses indivíduos são constantemente marginalizados nos grupos sociais, trabalho, escola, política e que profissionais com dificuldade em interpretar dados são os que apresentam os piores salários. Segundo Botelho (2015), isso se deve pelo fato que este grupo provoca, pela deficiência em habilidades básicas, perdas e danos a empresa, pois não entendem sinais de aviso de perigo, instruções de higiene e segurança do trabalho, orientações sobre processo produtivo, procedimentos de normas técnicas da qualidade de serviços e negligência dos valores da organização empresarial.

E neste quadro crítico do Brasil, a escola, sendo a principal instituição responsável pelo ensino da leitura e escrita, deve procurar revisar o conceito de alfabetização e buscar novas metodologias priorizando uma alfabetização plena.

Neste intuito, será que o uso das novas tecnologias da comunicação e informação podem contribuir como facilitadoras do letramento? Já que elas surgem como novas possibilidades de comunicação, interação, troca de conhecimentos, o que propicia novas formas de aprender, ensinar e produzir conhecimento? Tentando responder estes questionamentos o presente estudo se propõe a: fazer uma análise do uso das tecnologias como ferramenta do letramento; conhecer a opinião dos alunos envolvidos na pesquisa sobre as tecnologias empregadas em sala de aula e verificar se os professores valorizam essas novas ferramentas.

Este estudo está voltado aos membros de qualquer comunidade escolar, as pessoas que estudam ou elaboram normas e diretrizes relacionadas a instituição escolar e a interessados sobre letramento e novas tecnologias. Neste estudo temos uma ação prática da relação entre tecnologia e letramento, uma análise dessa relação, uma sugestão de atividade usando as tecnologias, a visão dos professores e dos alunos sobre a importância e eficiência das tecnologias, como nova maneira de ensinar e aprender e serve para impulsionar novas e mais avançadas pesquisas nessa temática.

II PRESSUPORTOS TEÓRICOS

2.1 LETRAMENTO

Tendo em vista uma nova temática social, em que o indivíduo necessita dominar as relações, que empregam o ato de ler e escrever e todas as suas demandas, surge o termo letramento, que segundo Soares (1998), é a versão para o português da palavra de língua inglesa literacy, que significa o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever, e esta mesma autora em 2010 escreve que uma pessoa letrada é caracterizada por saber fazer uso do ler e do escrever, que responde às exigências que a sociedade requer nas práticas de leitura e de escrita do cotidiano, ou seja, para esta autora, é necessário saber ler e escrever desde coisas presentes na vida moderna das pessoas (bilhetes, recados, avisos, receitas, folhetos, cartazes, manuais simples) a tudo mais que envolve a relação de comunicação rápida e prática, para se ter um letramento. Nesta visão, o letramento é fundamental no diálogo eficaz entre as pessoas e para atender comandos e regras básicas. Kleiman (2005), é categórica em afirmar que o letramento não é alfabetização, mas a inclui, estes termos são constantemente confundidos, pois o letramento é conceito enraizado de alfabetização. Kleiman enfatiza a questão da diferença entre letramento e alfabetização, para ela na alfabetização o sujeito aprende símbolos e códigos, que por vezes não fazem sentido, não conseguem dar o significado correto das frases escritas, no letramento, o sujeito já consegue ser autônomo. Esse mesmo termo é definido no Dicionário Houaiss 2001, como um conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito, quando esta autora se refere em diferentes tipos de materiais, não fica claro se materiais básicos de leitura e comandos (bula, receita, avisos e recados) ou materiais mais complexos (livros, artigos e instruções), mas por se tratar de letramento e unido a outros conceitos, podemos subentender que se trata de materiais simples, mas diversos, para se tornar letrado e de diferentes gêneros.

No Brasil, o conceito de letramento não substituiu a palavra alfabetização, mas aparece associada a ela, mesmo que para termos um quantitativo de “iletrados”

recorremos aos índices de analfabetismo funcional. Isso fica bem evidente quanto recorremos a autores como Soares (2001), que enfatiza que alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário, o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado e que letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno. Por essa razão temos muitas pessoas alfabetizadas mas não letradas, pessoas que possuem o 1º ou 2º grau e não sabem preencher um requerimento, um recado ou não entendem bilhetes simples. Percebemos então que alfabetizar é aprender a ler e escrever códigos e símbolos, já o letramento é o desenvolvimento de comportamentos e habilidades do uso competente da leitura e da escrita nos momentos do dia a dia e para que o professor consiga imergir os alunos neste mundo, ele pode adotar práticas de leitura e escrita, tais como: anúncios, receitas, cartazes, placas, folhetos, sites e mensagens.

Freire (1984), já apresentava esta relação entre o ato de ler e escrever com o mundo, quando ele afirma que o movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo através da leitura que dela fazemos. Podemos dizer, que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura de mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. Então, mesmo não apresentado o termo letramento em si, este autor aprofundou, em sua época, a relação do ato de ler com uma prática consciente de pertença ao mundo, interagindo com ele, realizando uma leitura de mundo em vista de transformá-lo. Com Paulo Freire o conceito de alfabetização se aprofunda e se confunde com o de letramento.

Tfouni (1995), acrescenta que os estudos sobre o letramento não se restringiram somente àquelas pessoas que adquiriram a escrita, isto é, aos alfabetizados. Eles buscam investigar também as consequências da ausência da escrita a nível individual, mas sempre remetendo ao social mais amplo, isto é, procurando, entre outras coisas, ver quais características da estrutura social tem relação com os fatos, a ausência, tanto quanto a presença da escrita em uma sociedade, são fatores importantes que atuam ao mesmo tempo como causa e consequência de transformações sociais, culturais e psicológicas, às vezes radicais.

Mais uma vez podemos observamos que ao se tratar de letrados, não nos referimos somente aos alfabetizados, mas sobre tudo remetendo ao âmbito social, a relação da escrita, leitura, fala e interpretação com a sociedade e suas exigências. Evidenciamos isso, quando recorremos a Ferreiro (2001), afirmando que crianças iniciam o seu aprendizado, de noções matemáticas por exemplo, antes da escola, quando se dedicam a ordenar os objetos mais variados (classificando-os ou colocando-os em série). Iniciam seu aprendizado do uso social dos números participando de diversas situações de contagem e das atividades sociais relacionadas aos atos de comprar e vender, ou seja, ainda não são alfabetizadas, mas já participam de um mundo letrado, e suas implicações sociais de comunicação e relacionamento. Com este mesmo pensamento é que Soares (2010), da exemplo de como um analfabeto, ou seja, uma pessoa que não sabe ler e nem escrever, utiliza a escrita para escrever uma carta, ela recebe a ajuda de outra pessoa, mas é o próprio analfabeto que dita o texto, mostrando que de alguma forma conhece as estruturas e funções da escrita. Outro exemplo citado pela mesma autora, é de uma criança que, sem ser alfabetizada finge ler um livro, e começa a narrar uma história criada tendo como fundamento as imagens, apresentando até entonações e um roteiro de início e fim da história, é claro que de forma simples, compatível com sua idade.

Rojo (2012) também fala do termo multiletramento, que segundo ela, surgiu no intuito de englobar as discussões referentes às novas pedagogias do letramento, já que seu conceito se referi a multiplicidade e variedade das práticas letradas da nossa sociedade. Já em 1996, esta mesma autora enfatizava, que este termo vem de encontro com a nova realidade social, onde o processo de produção textual não é mais exclusivamente linguístico, integra imagem, som e movimento, além disso, não se vivencia mais uma produção estritamente individual ou de mão única (aluno – professor), mas colaborativa (mais de um sujeito contribui para a produção e retextualização). Em Rojo podemos notar que ocorre um grande empenho em incorporar práticas já comuns na sociedade (criar vídeos, músicas, sons e imagens), com o ato de ler e escrever, tendo em vista que estas novas maneiras de se comunicar e de se relacionar, fazem parte do cotidiano.

2.2 LETRAMENTO NA ESCOLA

Vivemos em uma sociedade onde o ato de ler e escrever é primordial nas relações sociais. Mas, de acordo com SOARES (1998), adquirir a leitura e a escrita, ou ser somente alfabetizado, não basta, é necessário fazer o uso dessas linguagens, envolver-se com as práticas sociais de escrita, ou seja, saber ler e escrever, mas não compreender ou não conseguir envolver-se nas práticas sociais que estas duas habilidades exigem, pouco se vale, é necessário algo a mais, um letramento. Então onde devo letrar ou ser letrado?

De acordo com SOARES (2003), há uma evidente correlação entre letramento e escolarização, ou que a escolarização é fator decisivo na promoção desta prática, já que, por influência da antiga organização do ensino, tem-se tradicionalmente considerado à conclusão da 4ª série do Ensino Fundamental, como etapa obrigatória e suficiente para formação do cidadão e correspondente a nível satisfatório de letramento. Fica evidente que a escola é o espaço decisivo nesta promoção do letramento, já que ela tem obrigação de formar cidadãos capazes de se relacionar uns com os outros, por essa razão SIGNORINI (1995), ressalta que a escola é o principal, se não o único, meio de acesso ao letramento do tipo valorizado pela sociedade burocrática. Único meio de acesso ao letramento, ele não é, já que podemos e somos também letrados em casa e nos lugares onde convivemos, mas com certeza é o mais valorizado, se não o único, neste sentido, isso se deve ao fato que está voltada para formação do cidadão. LERNER (2002), enfatiza que para um cidadão da cultura escrita, a escola deve preservar o sentido que a leitura e a escrita como práticas sociais, para conseguir que os seus alunos se apropriem delas, possibilitando que se incorporem à comunidade de leitores e escritores. Para ROJO (2009), um dos objetivos principais da escola é possibilitar que os alunos participem das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita na vida, de maneira ética, crítica e democrática, Rojo acrescenta a função da escola de não letrar por si só, mas letrar para a ética, crítica e vida democrática. Em sentido comum KLEIMAN (1995), afirma que ao sistema escolar, cabe fundamentalmente, levar seus alunos a um processo ainda mais profundo nas práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita.

O educador deve estar capacitado para atender essa nova demanda social, que é o letramento, acompanhando as mudanças na sociedade e suas necessidades. Para isso KLEIMAN (1995, p. 19-20), apresenta alguns passos fundamentais para o desempenho do papel do “professor letrador”:

Investigar as práticas sociais que fazem parte do cotidiano do aluno, adequando-as à sala de aula e aos conteúdos a serem trabalhados; planejar ações visando ensinar para que serve a linguagem escrita, e como o aluno poderá utilizá-la em diferentes contextos; desenvolver no aluno, através da leitura a interpretação e produção de diferentes gêneros textuais, habilidades de leitura e escrita que funcionem dentro da sociedade; incentivar o aluno a praticar socialmente a leitura e a escrita, de forma criativa, descobridora, crítica, autônoma e ativa, já que a linguagem é interação e, como tal, requer a participação transformadora dos sujeitos sociais que a utilizam; reconhecimento por parte do professor, implicando assim o conhecimento daquilo que o educando já possui de conhecimento empírico, e respeitar, acima de tudo, esse conhecimento; não ser julgativo, mas desenvolver uma metodologia avaliativa com certa sensibilidade, atendo-se para a pluralidade de vozes, a variedade de discursos e linguagem diferente; avaliar de forma individual, levando em consideração as peculiaridades de cada indivíduo; trabalhar a percepção de seu próprio valor e promover a autoestima e a alegria de conviver e cooperar; ativar mais seu intelecto, no ambiente de aprendizagem, ser professor-aprendiz, tanto quanto seus educandos; e reconhecer a importância do letramento, e abandonar os métodos de aprendizado repetitivo, baseados na descontextualização.

Então, o professor não pode deixar de considerar o meio social do seu aluno e sua bagagem cultural, deve apresentar vários gêneros textuais, dar significado e sentido da leitura e escrita ao aluno, desenvolver socialmente a leitura e escrita, reconhecer as necessidades e potencialidades individuais e abandonar métodos ultrapassados.

Soares, já em 1975, alerta que todos os professores são responsáveis pelo letramento, não somente os professores de língua portuguesa, mesmo os professores das disciplinas de geografia, matemática e ciências. Alunos leem e escrevem nos livros didáticos. Isso é um letramento específico de cada área de conhecimento. O professor de geografia tem que ensinar seus alunos a ler mapas, por exemplo. Cada professor, portanto, é responsável pelo letramento em sua área.

A leitura e a escrita fazem parte do cotidiano e em todos os momentos são exigidos estes domínios, então não podemos eximir a responsabilidade de todos os educandos e a família pode contribuir efetivamente neste processo, com pequenas tarefas aos que estão começando no mundo da leitura e escrita. Algo semelhante também é defendido por Rojo (2009), afirmando que os objetivos principais da escola é possibilitar que os alunos participem das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramento) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática, cabendo à escola potencializar o diálogo multicultural, trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e a cultura de massa, para torná-las vozes de um diálogo, objetos de estudo e de crítica. Então estes objetivos da escola também são voltados aos professores, pois eles são os principais agentes educadores desta instituição, e devem ser formados adequadamente para estas tarefas e desafios.

2.3 ANALFABETISMO FUNCIONAL NO BRASIL

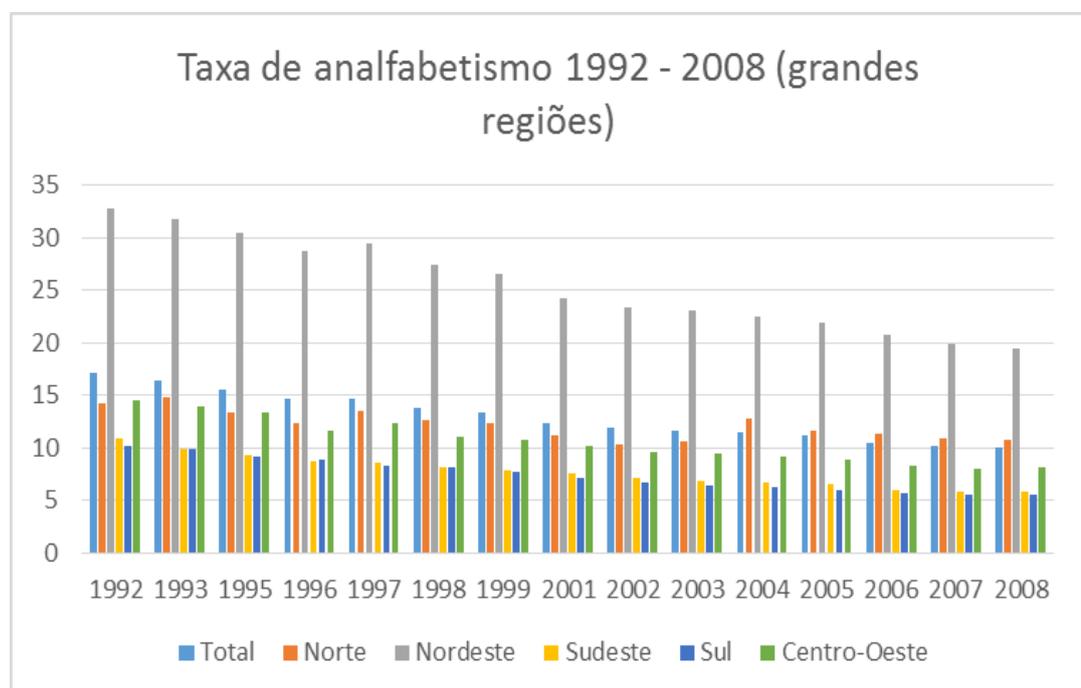
O termo analfabeto funcional nasceu nos Estados Unidos na década de 20 e foi utilizado pelo exército norte-americano para medir a capacidade funcional dos soldados americanos na primeira guerra mundial (STICHT, ARMSTRONG apud MOREIRA, 2008). Desde então o conceito vem, ao longo das décadas, sofrendo revisões significativas, refletindo as próprias mudanças sociais.

Segundo Rireiro (1997), em 1958 a UNESCO definia como analfabeto um indivíduo que não conseguia ler ou escrever algo simples. Vinte anos depois, adotou o conceito de analfabeto funcional: uma pessoa que, mesmo sabendo ler e escrever frases simples, não possui as habilidades necessárias para satisfazer as demandas do seu dia-a-dia e se desenvolver pessoal e profissionalmente, percebemos então que neste novo conceito a pessoa pode ser alfabetizada e ser analfabeta funcional, ou seja, ter um diploma ou simplesmente reconhecer e escrever códigos e não saber interpretá-los ou utilizá-los de forma correta. No Brasil, este conceito de analfabeto funcional ganha força com os autores: Moreira (2006), que define ser aquele que é capaz de ler e escrever, mas que enfrenta dificuldades quando se trata

de interpretar corretamente o que leu; Campos (2002), é a pessoa incapaz de compreender a palavra escrita. Ela consegue ler, mas não entende o que aquilo significa e Instituto Paulo Montenegro (2005), é a pessoa que, mesmo sabendo ler e escrever um enunciado simples, como um bilhete, por exemplo, ainda não tem as habilidades de leitura, escrita e cálculo necessárias para participar da vida social em suas dimensões no âmbito comunitário, no universo do trabalho e da política, por exemplo. De acordo com Botelho (2008), eles sabem ler, escrever e contar, chegam a ocupar cargos administrativos, mas não conseguem compreender a palavra escrita. Bons livros, artigos e crônicas, nem pensar! e com Moreira (2006), podemos complementar que são pessoas com limitada capacidade de compressão de um texto escrito, num mundo em que o texto escrito é a forma de apresentação das normas legais, das instruções de uso de equipamentos, medicamentos e procedimentos de segurança. Estes autores são unânimes quando afirmam, que a falta de saber interpretar, caracteriza o analfabeto funcional e toda essa falta de comunicação eficaz acaba causando prejuízo as empresas, tendo em vista a necessidade constante de aprimorar o maquinário e técnicas e para tal um novo aprendizado, a dificuldade de entende comandos escritos e segui-los, nisto essas pessoas acabam marginalizadas, ora com baixos salários ora até mesmo sem emprego.

A taxa de analfabetismo no Brasil dos anos de 1992 a 2008 das grandes regiões é apresentada no gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Taxa de Analfabetismo 1992 – 2008 (Grandes regiões)



Fonte: <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=4&op=0&vcodigo=PD366&t=taxa-analfabetismo-pessoas-15-anos-mais>

O Brasil ao longo dos anos vem diminuindo o número de pessoas analfabetas, a região nordeste sempre apresentou os maiores índices durante todos esses anos, mas teve um avanço considerável, avanço que a região sudeste não conseguiu ter nos últimos três anos, o que causa preocupação, já que é a região de maior renda econômica do país as regiões norte, centro-oeste e sul não conseguiram baixar mais de 5% ao longo dos 18 anos. O país em parâmetro geral vem avançando, mas em ritmo devagar, levando em consideração ao avanço econômico, tecnológico e industrial que teve ao longo dos mesmos 18 anos.

As principais estatísticas sobre o analfabetismo funcional no Brasil são realizadas por:

Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE), que define analfabeto funcional as pessoas com 15 anos ou mais com menos de 4 anos de estudo, e são representadas na seguinte tabela:

Tabela 1 - Taxa de analfabetismo funcional 2001 - 2009

Período	Taxa de analfabetismo funcional
2001	27,3
2002	26
2003	24,8
2004	24,4
2005	23,5
2006	22,2
2007	21,7
2008	21
2009	20,3

Fonte: <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=4&op=0&vcodigo=PD384&t=taxa-analfabetismo-funcional>

A taxa de analfabetismo funcional decresceu de 27,3% (2001) para 20,3% (2009), que o representa uma queda de 7% no período, mas ainda é preciso um avanço rápido e mais expressivo, ainda mais levando em consideração o potencial

econômico do Brasil, e todas as novas tecnologias que podem romper barreiras geográficas, dificuldade físicas e intelectuais e minimizar gastos com materiais e pessoas. Se tivermos em mente que a população do Brasil na época da construção desta tabela (2010) era de 190.732.694 de pessoas segundo censo divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), então temos 20,3 % analfabetos funcionais da população o que corresponde a aproximadamente 38 milhões 718 mil e 736 pessoas, ou seja, um número expressivo e bastante preocupante, principalmente para um país em crescimento econômico e industrial, que precisa e continuará precisando de pessoas qualificadas para atender a demanda deste desenvolvimento.

E pelo Instituto Paulo Montenegro, que criou o Indicador nacional de alfabetismo Funcional (Inaf), gerado de testes aplicados pelos especialistas do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatísticas (IBOPE), que define as amostras, a coleta de dados e seu processamento, que contém tarefas relacionadas a contextos e objetivos práticos de leitura e escrita considerados mais relevantes, cujo os resultados entre 2001 a 2011 são expressos abaixo.

Tabela 2 – Evolução do Indicador de alfabetismo da população de 15 a 64 anos (2001-2002 a 2011)

Tabela 1 ¹								
Evolução do Indicador de alfabetismo da população de 15 a 64 anos (2001-2002 a 2011)								
Níveis		2001-2002	2002-2003	2003-2004	2004-2005	2007	2009	2011
Analfabeto		12%	13%	12%	11%	9%	7%	6%
Rudimentar		27%	26%	26%	26%	25%	20%	21%
Básico		34%	36%	37%	38%	38%	46%	47%
Pleno		26%	25%	25%	26%	28%	27%	26%
Analfabeto e Rudimentar	Analfabetos funcionais	39%	39%	38%	37%	34%	27%	27%
Básico e Pleno	Alfabetizados funcionalmente	61%	61%	62%	63%	66%	73%	73%
<i>base</i>		2002	2002	2002	2002	2002	2002	2002

Fonte: INAF BRASIL 2001 a 2011

Obs.: Os resultados até 2005 são apresentados por meio de médias móveis de dois em dois anos de modo a possibilitar a comparabilidade com as edições realizadas nos anos seguintes.

Nesta tabela 2, o analfabetismo funcional chega a atingir 27% da população em 2011, é maior do que a tabela 1 (IBGE) 20,3% em 2009, isso se deve ao fato que o Instituto Paulo Montenegro, aplica testes práticos de leitura e escrita e não apenas a grau de escolaridade, o que eleva a população a aproximadamente 38 milhões 718 mil e 736 pessoas de analfabetos em 2010 para uma população de aproximadamente 51 milhões 497 mil e 827 pessoas analfabetas funcionais em 2011, uma diferença considerável de 12 milhões 779 mil e 91 pessoas. É notório também que

entre os anos de 2009 à 2011, cerca de 2 anos, não foi constatado avanço nenhum nestes índices de analfabetos funcionais.

Com todos estes dados só podemos admitir que, embora tenhamos apresentado passos em direção a alfabetização e ao letramento, estes passos foram de “tartaruga”. Temos uma grande parcela da população ainda com dificuldade de se relacionar e conviver socialmente na questão do ato de ler, escrever e compreender a escrita, estando ainda muito longe de uma experiência significativa de sucesso escolar, por estas razões ROJO (2009) alerta que devemos melhorar a qualidade do ensino.

2.4 AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA ESCOLA

O uso da tecnologia na educação data da II Guerra Mundial, quando os EUA a utilizava para treinamento de militares. Na década de 1960, houve o surgimento do rádio e televisão, impulsionando uma revolução nos meios de comunicação, influenciando milhares de pessoas na maneira de vestir, falar, no marketing e também na educação (De Pablos, 1998). Na década de 70 começa a revolução da informática e o seu emprego para fins educativos.

As primeiras experiências no Brasil, utilizando as tecnologias, iniciaram em 1969 por meio da TV cultura, transmitindo o curso Madureza Ginásial pela TV. Em 1974 a Televisão Educativa do Ceará começou a desenvolver atividades educativas de 5º a 8º séries, bem como produzir e veicular os programas de Televisão e a elaborar material impresso (SARAIVA, 1996). Mas o Telecurso 2000, criado em 1995, foi o mais divulgado e aplicado até a sua década (BARROS, 2003; SARAIVA, 1996). Então as primeiras experiências foram utilizando a Televisão, que até a década passada era, juntamente com o rádio, soberano meio de comunicação, e auge da tecnologia. Hoje, com a internet, existem dezenas de cursos parecidos com os que eram ofertados, e milhares de aplicativos e jogos que auxiliam no ganho de conhecimento, criando possibilidade de educação imagináveis anteriormente.

Novas formas de se comunicar foram introduzidas no dia a dia, invadindo espaços, aproximando as pessoas e suas culturas e vencendo barreiras geográficas, introduzindo novas maneiras de ensinar e aprender. A escola deve

acompanhar o ritmo da modernidade, incorporando elementos que fazem parte da vida dos educandos.

Observando o potencial pedagógico da internet Bahia (2004), escreve que a comunidade escolar precisa estar conectada a uma rede global, para que os educadores utilizem, dentro de suas salas de aula, os recursos disponíveis para realizar os programas institucionais e atingir metas educativas específicas. Existe uma grande quantidade e variedade de informações disponíveis na Internet, sob diferentes formas: texto, vídeos, arquivos de som, documentos multimídia e programas. Portanto, é fundamental que os indivíduos aprendam, não só a ter acesso à informação, mas também a manejar, analisar, criticar, verificar e transformá-la em conhecimentos utilizáveis, podendo escolher o que realmente é importante, deixando de lado o que não é. Neste sentido, a pilha de livros e vários conteúdos desnecessários realmente deixariam de ser adotados em sala de aula, isso deve acontecer para que os educandos possam escolher o que servirá na vida cotidiana no presente e no futuro deixando de lado o que não lhe convém. Para Sancho (1998) a prática docente deve responder às questões reais dos estudantes, que chegam até ela com todas as suas experiências vitais, e devem utilizar-se dos mesmos recursos que contribuíram para transformar suas mentes fora dali. Desconhecer a interferência da tecnologia, dos diferentes instrumentos tecnológicos, na vida cotidiana dos alunos é retroceder a um ensino baseado na ficção. Isso vai de encontro com a proposta de letrar, já que devemos buscar os elementos presente no cotidiano dos alunos e com eles desenvolver uma leitura e uma escrita interpretativa. Dentre estes elementos do cotidiano nada melhor e mais presente na vida dos alunos que os celulares, tabletes e computadores, que acabam realizando mediações e aumentando a velocidade e quantidade de informações. Por essa característica, as tecnologias podem contribuir significativamente para o processo de ensino e aprendizagem, já que segundo Corrêa (2004), a tecnologia empregada funciona como força impulsionadora da criatividade humana e da imaginação, devido à visibilidade de material que circula na rede.

Se a escola quiser, no seu ensino, partir da vida, do conhecimento adquirido pelo aluno e de sua cultura, deve se voltar para as linguagens das novas tecnologias. Nesse sentido, concordo com Moran (2001) quando assegura que a educação escolar pressupõe aprender a gerenciar tecnologias, tanto da informação

quanto da comunicação, e pressupõe ajudar a perceber onde está o essencial, estabelecendo processos de comunicação cada vez mais ricos e mais participativos.

Usar as tecnologias da informação e comunicação (TIC) como ferramentas do letramento na escola, carrega em si mesma as contradições da sociedade contemporânea. De um lado, o IBGE (2009) apresenta um analfabetismo funcional de 20,03 %, índice altamente preocupante. Por outro lado, novas tecnologias invadem nossas vidas e torna fundamental inseri-las no contexto escolar.

Apesar deste paradoxo, vários autores como Moran (2001) Marques (1999), Kenski (2003,2007), Lion (1997,2005), comungam que as TIC criam possibilidade de um processo diferenciado de ensino-aprendizado, pois permitem romper com o tradicionalismo, e uma interação entre os sujeitos agentes da educação. Pensar no funcionamento da vida contemporânea é essencial para aceitar e incorporar as novas tecnologias, saindo da educação bancária e tradicionalista, educação essa amplamente utilizada, mas ultrapassada. Para ROJO (2013), essas mídias devem ser incorporadas efetivamente, todas elas, tvs, rádios, mídias em massa, na prática escolar diária, já que, os alunos não deixam de ter contato com esses saberes e que eles usam mais esses meios fora do ambiente escolar e para uma gama de diferentes propósitos. Esses propósitos podem e devem ser utilizados para fins educacionais, obtendo avanços e inovações esperados por anos. Para que isso ocorra a escola deve se preparar e se conscientizar que a sociedade é cada vez mais digital, nisto Rojo (2013) acrescenta que esta instituição deve buscar no ciberespaço o seu lugar, de maneira crítica, com diferenças e identidades múltiplas.

2.5 LETRAMENTO DIGITAL

A tela digital apresenta novas maneiras de ler e escrever, assumindo diferentes códigos e sinais, verbais e não-verbais, práticas de leituras rápidas e comunicativas. Para Souza (2007), isso é o letramento digital, que se constitui sendo uma complexa série de valores, práticas e habilidades situados social e culturalmente envolvidos em operar lingüisticamente dentro de um contexto de ambientes eletrônicos, que incluem leitura, escrita e comunicação. Então, essas

práticas e habilidades devem atender as demandas de uma sociedade digital e de comunicação rápida, e utilizando também recursos audiovisuais.

Para Gilster (1997) letramento digital e a habilidade de entender e usar informação em formatos múltiplos de uma vasta gama de fontes quando esta é apresentada via computadores, podemos dizer sem dúvida que não somente computadores, mas também qualquer meio de comunicação moderno, que apresentam formatos múltiplos, e a habilidade de decifrar e responder satisfatoriamente as mais variadas formas de expressões, oriundas dessas tecnologias, é de fato um letramento digital.

Soares (2002) define letramento digital como certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela diferentes do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel, ou seja, não importa o nível de leitura e escrita “tradicional”, mas atender e dominar os meios de comunicação e produção de textos nas novas tecnologias.

2.6 TECNOFOBIA E TECNOFILIA

Atualmente tem-se dois posicionamentos quanto ao uso da tecnologia na educação: um contrário que provoca o fenômeno de tecnofobia e outro posicionamento favorável que identifica uma tecnofilia (SANCHO, 1998).

A tecnofobia é manifestada no medo e na recusa da tecnologia, tendo elas como novos meios de manipulação e descaracterização da cultura. Isso é afirmado por Sfez (1991) que escreve que as Novas TIC provocam uma visão do mundo confusante, frankensteiniana e tautológica num universo em que tudo comunica, sem que saibamos a origem da emissão, sem que possamos determinar quem fala, o mundo técnico ou nós mesmos, nesse universo sem hierarquias, ou em que estas se entrelaçam, onde a base é o cume, a comunicação morre por excesso de comunicação e culmina numa interminável agonia de espirais. Talvez tudo isso seja um exagero, mas quando deparamos com pessoas que são influenciadas pelas redes sociais e chegam até mesmo ao suicídio, temos que refletir nestes aspectos negativos ou fanáticos, onde pessoas deixam amigos, trabalho e qualquer outro tipo

de vida social para passar horas, dias e meses na frente de computadores e celulares, destruindo a saúde e relacionamentos.

Por outro lado, a tecnofilia, encara as novas tecnologias como libertadoras, divulgando as culturas e ideias, acelerando a comunicação e processos de democratização. Stornier (1983) possui pensamento semelhante quando afirma que as tecnologias promovem o desenvolvimento econômico e a participação e Lévy (2003) complementa que a revolução da tecnologia é extremamente positiva e aposta na tecnologia de informação e comunicação que não é de “um para todos”, mas de “todos para todos”.

Então, por um lado temos os que sustentam que as Novas tecnologias oprimem e manipulam, e por outro os que defendem uma liberdade de expressão e participação democrática das pessoas, neste dilema o autor Apple (1992) coloca a questão se a nova tecnologia é parte da solução ou parte do problema na educação. Também por estes conflitos Soares (2006) enfatiza que é necessário, portanto, discutir qual é o papel das TIC na formação do homem do século XXI, que vive em um sistema neoliberal, relacionando todos esses elementos à sua própria historicidade como processo que nos levou até o ponto em que estamos. Fazendo uma análise dos posicionamentos temos, em ambos os lados, o fundamentalismo e extremismo presentes nos discursos. Para não ficarmos sem um lado, devemos encarar a realidade inevitável que cercam os alunos, o convívio com variadas e inovadoras tecnologias, e refletir nas suas potencialidades educacionais.

III A PESQUISA

3.1 METODOLOGIA

A pesquisa teve cunho descritivo, tendo como premissa que esta técnica visa observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los. Procurando descobrir, com maior precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e suas características. Buscando conhecer as diversas situações e relações que ocorrem

na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos e comunidades mais complexas (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007).

Os dados, por ocorrerem em seu hábitat natural, precisaram ser coletados e registrados ordenadamente para seu estudo propriamente dito, nesta pesquisa utilizei entrevistas e questionários (anexos I, II, III e IV) para coletar os dados.

Os dados da coleta foram extraídos por meio de uma entrevista com 6 professores de Letras Português (4 perguntas para cada um deles), e a aplicação de três questionários (dois relacionados a interpretação dos textos *O Cangaceiro* e *Asa Branca* e um sobre a atividade de interpretação) a 70 adolescentes, entre 13 à 16 anos de idade, de ambos os sexos, todos alunos do 9º ano do ensino fundamental, mas de duas turmas diferentes, que serão chamadas na pesquisa de Turma A e Turma B, do turno matutino de uma escola da Ceilândia. Este grupo foi selecionado de forma intencional por esta completando o último do ensino fundamental e teoricamente já devem estar letrados.

Não observei nenhum indicativo que os alunos possuíssem hábitos de leitura ou de escrita, tais como: visitas a biblioteca, empréstimo de livros, livros ou textos entre os materiais escolares, leitura de bilhetes, escrever em diários ou agendas.

Os dados da coleta, entrevistas e questionários, seguiram as etapas:

1º INTERPRETAÇÃO DO TEXTO I: Os alunos formaram dois grupos, divididos em duas turmas, A e B, e interpretaram o texto *O Cangaceiro* (anexo I), na turma A foi aplicado um questionário de interpretação referente ao texto sem empregar nenhuma nova tecnologia e na turma B foi apresentado primeiro um vídeo, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PXA3eYOh96I> referente ao texto escolhido e depois o mesmo questionário de interpretação já aplicado na turma A.

O questionário (anexo I) teve duas questões de fácil resposta, duas de média complexidade e duas de complexidade mais apurada, logicamente as primeiras questões devem apresentar um número de acertos maior que as posteriores, garantindo um resultado mais fiel ao proposto. A questão aberta serviu para que seja possível analisar se o aluno compreendeu a história apresentada no questionário.

2º APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO TURMA B: O questionário (anexo II) foi aplicado somente na turma que assistiu ao vídeo, pois a primeira pergunta já direciona a tecnologia empregada na interpretação, algo que a Turma A ainda não tinha feito.

3º INTERPRETAÇÃO DO TEXTO II: Os alunos formaram dois grupos, divididos em duas turmas, A e B, e interpretaram o texto Asa Branca (anexo III), na turma B foi aplicado um questionário de interpretação referente ao texto sem empregar nenhuma nova tecnologia e na turma A foi apresentado primeiro um vídeo, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HkGmS3ARluE> referente ao texto escolhido e depois o mesmo questionário de interpretação já aplico na turma B.

O questionário (anexo III) teve duas questões de fácil resposta, duas de média complexidade e duas de complexidade mais apurada, logicamente as primeiras questões devem apresentar um número de acertos maior que as posteriores, garantindo um resultado mais fiel ao proposto. A questão aberta serviu para que seja possível analisar se o aluno compreendeu a história apresentada no questionário.

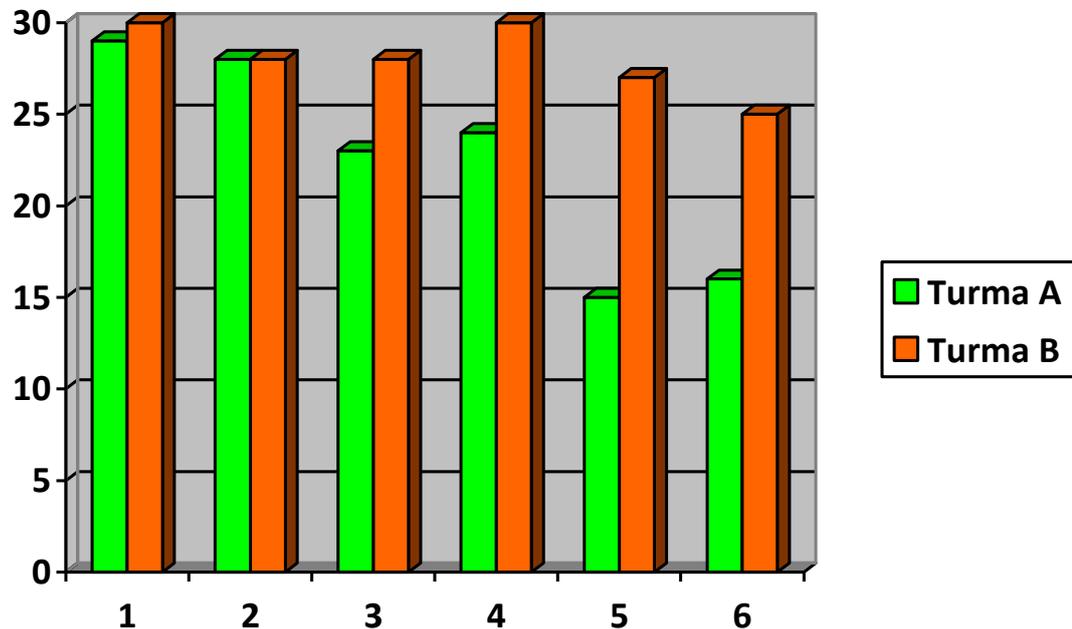
4º APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO TURMA A: O questionário (anexo II) foi aplicado somente na turma que assistiu ao vídeo, pois a primeira pergunta já direciona a tecnologia empregada na interpretação, questionário já respondido pela Turma B.

5º ENTREVISTA: Os professores de letras português foram entrevistados (anexo IV) sobre a utilização de novas tecnologias em suas aulas, as respostas trouxeram uma referência sobre a situação neste grupo de profissionais.

3.2 ANÁLISE DE DADOS

Com a aplicação da 1º etapa da pesquisa obtemos o seguinte gráfico e dados abaixo:

Gráfico 2 – Interpretação do texto O cangaceiro.



A turma A é representada pelas colunas verdes, a turma B pelas colunas laranjas, os números localizados à esquerda representam a quantidade de alunos que acertaram as questões, os números abaixo de cada coluna representam as questões na sequência correspondente ao questionário.

Nas duas primeiras questões, as de fácil resposta, os dois grupos apresentaram acertos semelhantes. Nas 3ª e 4ª questões, média complexidade, observamos uma diferença maior entre os grupos, sendo que o grupo B obteve melhor resultado, mas ainda com pouca diferença. Nas duas últimas questões, complexidade mais apurada, a diferença foi mais significativa, em média 10 alunos de diferença.

Na questão aberta, em geral, os alunos entenderam a história, mas as respostas do grupo B apresentaram mais detalhes, principalmente os que eram visualmente estimulantes ou apelativos, como a serpente, o diabo, a morte do cangaceiro.

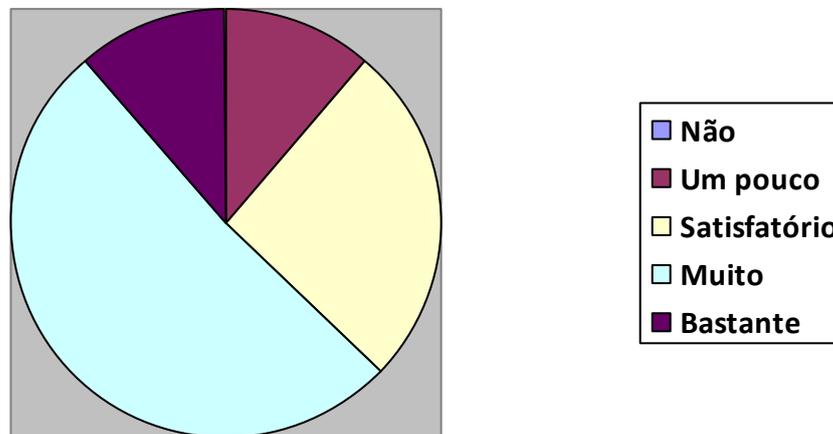
Nesta 1ª etapa, onde os resultados das questões de fácil complexidade, tiveram basicamente os mesmos resultados, podemos refletir sobre o verdadeiro papel das tecnologias na escola, será que o simples fato de utilizar as tecnologias já garante um aprendizado melhor? Será que os professores devem deixar os velhos

costumes e velhos métodos, como aulas expositivas ou conteudistas quando se emprega esses novos recursos? Moraes (1997) alerta que o simples acesso à tecnologia, em si, não é o aspecto mais importante, mas sim, a criação de novos ambientes de aprendizagem e de novas dinâmicas sociais a partir do uso dessas novas ferramentas. Mas quando analisamos, principalmente os resultados das últimas questões, percebemos que a diferença positiva no grupo que assistiu ao vídeo foi significativa, podendo ser explicada pelo conhecimento adquirido previamente pelo vídeo, o que torna relevante a importância do uso das tecnologias como facilitadoras da interpretação do texto apresentado.

Com a aplicação da 2ª etapa da pesquisa obtemos o seguinte gráfico e dados abaixo:

Na questão 1: O vídeo apresentado antes do texto ajudou a responder as questões? Os alunos marcaram 0 não, 4 Um pouco, 9 Satisfatório, 18 muito e 4 bastante.

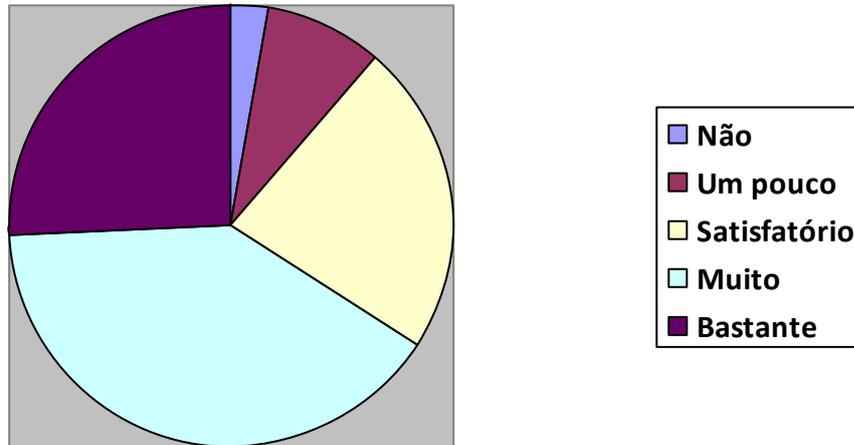
Gráfico 3 – Questão 1 turma B.



Na 2ª etapa, os resultados da questão 1, os alunos confirmaram os resultados satisfatórios da 1ª etapa, valorizando e reconhecendo como satisfatório o uso das tecnologias para o fim da interpretação.

Na questão 2: As tecnologias (internet, redes sociais, data show ...) utilizadas em sala de aula contribui na compreensão de textos? Os alunos marcaram 1 não, 3 Um pouco, 8 Satisfatório, 14 muito e 9 bastante.

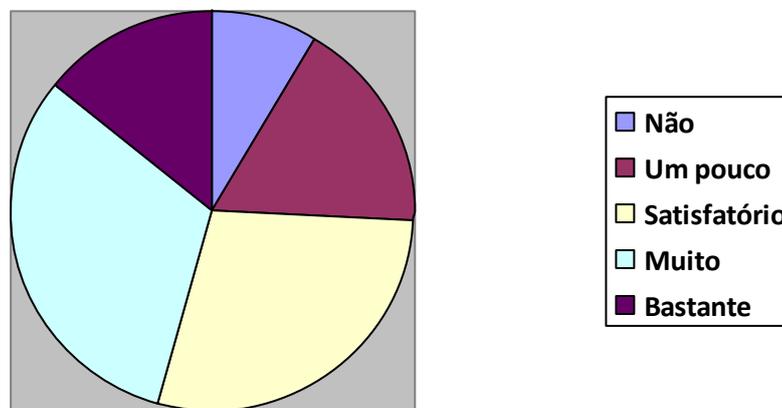
Gráfico 4 – Questão 2 turma B.



Na 2ª etapa, os resultados da questão 2, mostraram que os alunos reconhecem como positivas a utilização das novas tecnologias como ferramentas no aprendizado, isso demonstra também que eles estão adeptos a essas utilizações, já que a tecnologia faz parte do cotidiano de todos e eles esperam que o professor se utilize disso em sala de aula.

Na questão 3: Você consegue entender e aprofundar o conteúdo estudado em sala utilizando as tecnologias (internet, redes sociais, data show...)? Os alunos marcaram 3 não, 6 Um pouco, 10 Satisfatório, 11 muito e 5 bastante.

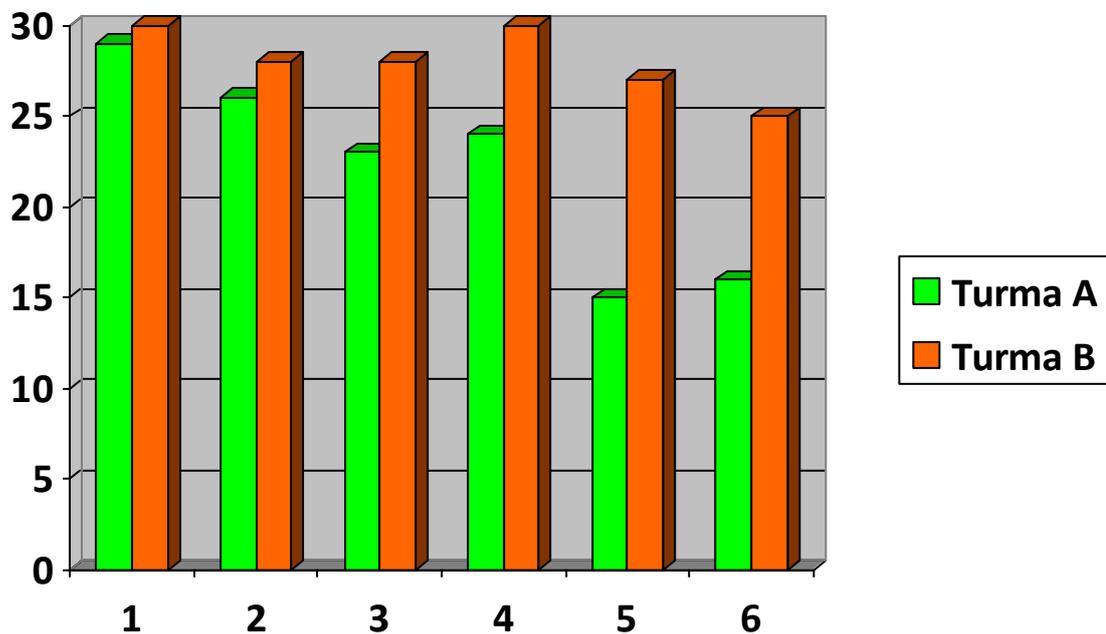
Gráfico 5 – Questão 3 turma B.



Na 2º etapa, com os resultados da questão 3, observamos que os alunos utilizam ou pelo menos reconhecem que as tecnologias, utilizados por eles no cotidiano, servem como ferramentas importantes na busca do conhecimento.

Com a aplicação da 3º etapa da pesquisa obtemos o seguinte gráfico e dados abaixo:

Gráfico 6 – Interpretação do texto Asa Branca.



A turma A é representada pelas colunas verdes, a turma B pelas colunas laranjas, os números localizados à esquerda representam a quantidade de alunos que acertaram as questões, os números abaixo de cada coluna representam as questões na sequência correspondente ao questionário.

Nas duas primeiras questões, as de fácil resposta, os dois grupos apresentaram acertos semelhantes, com ligeiro aumento da Turma B. Nas 3ª e 4ª questões, média complexidade, a Turma B continua com um resultado melhor, mas ainda com pouca diferença. Nas duas últimas questões, complexidade mais apurada, a diferença foi mais significativa, em média 10 alunos de diferença.

Na questão aberta, em geral, os alunos entenderam a história, mas as respostas do grupo B apresentaram mais detalhes, principalmente nos aspectos

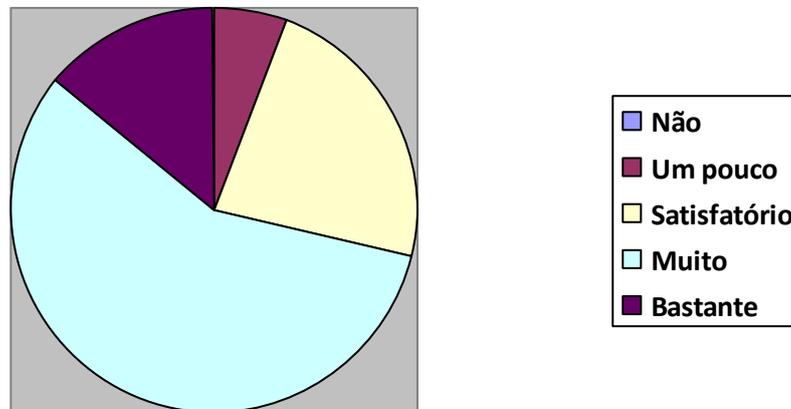
simbólicos (que braseiro, que fornaia, quando o verde dos seus olhos se espalhar na plantação, a asa branca bateu asas e voou ...).

Na 3º etapa, os resultados foram semelhantes ao da 1º, contudo vale ressaltar que foi utilizado ou texto base e invertida o papel das turmas, aquela que não assistiu ao vídeo agora assistiu e vice-versa, ressalto também que o potencial do uso das tecnologias deve ser aprimorado, já que diferenças significantes nos resultados foram obtidas apenas nas últimas questões, cujo os detalhes dos filmes eram evidenciados.

Com a aplicação da 4º etapa da pesquisa obtemos o seguinte gráfico e dados abaixo:

Na questão 1: O vídeo apresentado antes do texto ajudou a responder as questões? Os alunos marcaram 0 não, 2 Um pouco, 8 Satisfatório, 20 muito e 5 bastante.

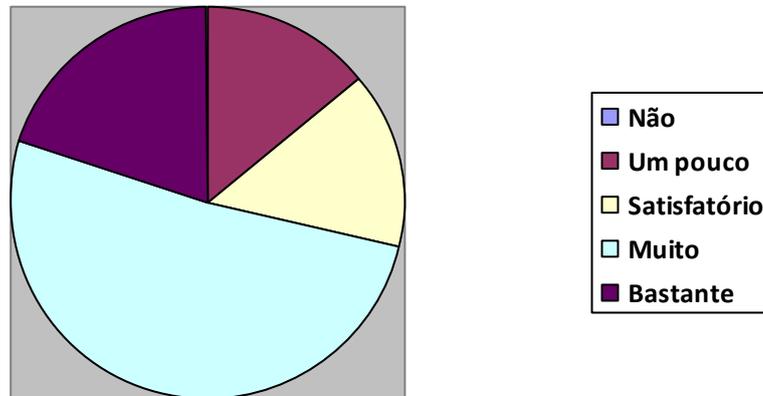
Gráfico 7 – Questão 1 turma A.



Com os resultados da questão 1 da 4º etapa, percebemos que os alunos responderam positivamente frente ao uso das tecnologias. Então ela pode ser empregada em outras ocasiões, com perspectiva alta de aceitação, isso pode ser resultado da utilização das tecnologias no cotidiano destes jovens.

Na questão 2: As tecnologias (internet, redes sociais, data show ...) utilizadas em sala de aula contribui na compreensão de textos? Os alunos marcaram 0 não, 5 Um pouco, 5 Satisfatório, 18 muito e 7 bastante.

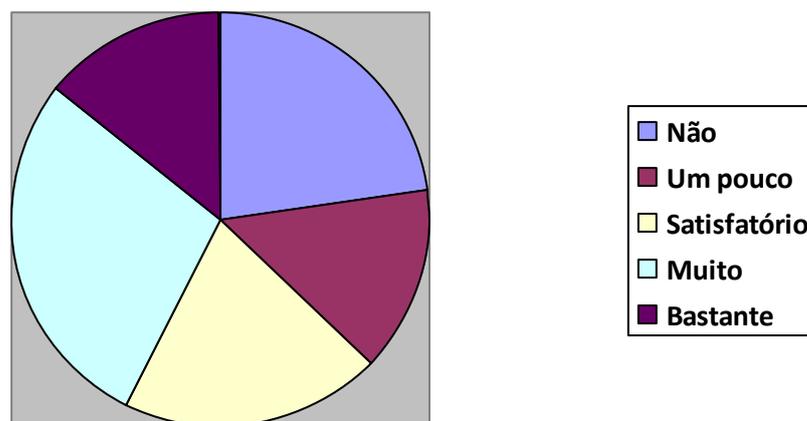
Gráfico 8 – Questão 1 turma A.



Já com os resultados da questão 2 da 4^o etapa, observamos que as tecnologias são bem aceitas pelos alunos em sala de aula, e possivelmente eles esperam que isso ocorra, motivando a busca pelo conhecimento utilizando de práticas corriqueiras de comunicação e busca de informação.

Na questão 3: Você consegue entender e aprofundar o conteúdo estudado em sala utilizando as tecnologias (internet, redes sociais, data show...)? Os alunos marcaram 8 não, 5 Um pouco, 7 Satisfatório, 10 muito e 5 bastante.

Gráfico 9 – Questão 1 turma A.



Nesta questão é de ressaltar a quantidade negativa quanto ao uso das tecnologias para aprofundamento de conteúdo, isso não significa que eles não a utilizam, mas não motivam a utilizarem para esse fim, neste contexto o professor

deve segundo Oliveira (2007) interagir com os alunos, sabendo e ensinando a utilizar as novas tecnologias e delas tiram vantagens, desenvolvendo competências e habilidades para participarem dos processos da sociedade.

Com a aplicação da 5ª etapa da pesquisa, a entrevista com os professores, obtemos os seguintes resultados:

Na pergunta 1: Seus alunos conseguem interpretar, de forma satisfatória, um texto compatível com o grau de escolaridade deles? As respostas principais foram que a maioria deles não conseguem, dois professores responderam que alguns conseguem facilmente e até níveis mais difíceis, 3 responderam que muitos nem de níveis inferiores.

Na pergunta 2: O que você costuma fazer ou utilizar para sanar dificuldades de interpretação ou aprimorá-la? Alguns responderam que tentam dar uma atenção melhor, outros disseram que trazem revistas e jornais para lerem em sala, 2 relataram que realizam um projeto interventivo utilizando a mala do livro.

Na pergunta 3: Você utiliza recurso tecnológico em suas aulas? Se não usa, por quê? Relataram que utilizam e que gostam muito destes recursos, 1 relatou que não costuma utilizar, pois não domina essas tecnologias.

Na pergunta 4: Quando você costuma usar as tecnologias em suas aulas? Se não usa, por quê? Principalmente quando quer mostrar filmes ou documentários, 1 relatou que não costuma utilizar, pois não domina essas tecnologias.

As respostas da 5ª etapa (entrevista com os professores), nos leva a uma reflexão sobre se realmente os professores estão aproveitando das tecnologias de forma satisfatória, já que segundo Morais (2000) não é suficiente adquirir televisões, computadores e outros, sem que haja uma mudança na postura do educador. Isto reduzirá as novas tecnologias a simples meios de informação. Mas as palavras que melhor encaixam nos resultados da entrevista são as de Moura (2005, p. 57):

Uns, olham para elas com alguma desconfiança [...]. Muitas vezes, por resistência à mudança, por cepticismo ou mesmo desinteresse pelas tecnologias. Outros as usam no seu cotidiano como utilizadores, mas não estão bem certos de como incorporá-las na sua rotina profissional. Outros, ainda, procuram trazê-las para a sala de aula, sem, contudo, inovar as suas práticas. Porém, há uma minoria de profissionais inovadores que desbrava caminho, buscando continuamente novas ferramentas e ideias.

3.3 RESULTADOS

A tecnologia empregada nesta pesquisa, vídeos curtos da internet, apresentaram um resultado satisfatório para as questões de difícil interpretação e no que se refere a riqueza de detalhes na questão aberta. Já as entrevistas, mesmo a maioria dos professores afirmando elemento em favor das tecnologias, quando perguntado na prática, eles não utilizam esse recurso para diversificar ou sanar as dificuldades dos alunos, elas servem para entretenimento ou mera aula expositiva, mas neste caso a exposição não parte do professor, mas de outra ou outras pessoas pertencentes ao filme e documentário.

IV CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos obter uma ligeira impressão, que as tecnologias, em particular a dos vídeos de curta duração, servem para melhorar a interpretação de textos, ou pelo menos aguçar o interesse em buscar destas novas ferramentas de auxílio na escola, e que essas elas merecem atenção e estudo, buscando seu real e significativo papel nessa nova maneira de ensinar com as tecnologias. As TCI deixam a disposição dos alunos uma grande quantidade de informações, mas para que não se tornem volume morto, precisamos de interferências pedagógicas e os professores devem assumir e conscientizar-se da nova realidade do país, em que as maneiras de adquirir conhecimento, de se comunicar e relacionar socialmente estão totalmente mudadas, e a escola não pode e nem consegue sair desta realidade, mas sobre tudo, deve se apropriar delas e tirar o maior proveito educacional possível.

V REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPLE, M. **Is th New Technology Parto f the Solution or Parto f the Problem in Educationa?.** In John Beynon & Hughie Mackay, *Tecnological Literacy and the Curriculum*. Londres; falmer Press.
- BAHIA, Secretária da Educação e Cultura. **Censo Escolar Bahia 2003**. Salvador: 2004
- BARROS, D. M. V. **Educação a distância e o universo do trabalho**. Bauru: Educ, 2003.
- BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000. p. 11-65.
- BOTELLO, Paulo Augusto de Podestá. **O Analfabetismo Funcional**. Disponível em: <http://www.guiarh.com.br/z3.htm> . Acesso em: 20 março 2015.
- CAMPOS, STELA. **As “perdas invisíveis” provocadas pelo analfabetismo funcional nas empresas**. *Jornal Valor Econômico*. São Paulo. 23 abr 2002. p.07.
- CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- CORRÊA, C. H. W. **Comunidades Virtuais gerando identidades na sociedade em rede**. Disponível em:< http://www.universiabrasil.net/materia_imp.jsp?id=4391> Acesso em: 03 Out. 2015.
- DE PABLOS, J. P. **Viés e conceitos sobre a tecnologia educacional**. In: SANCHO, J. M. (Org.). *Para uma tecnologia educacional*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- ETHOS, INSTITUTO. **Indicadores Ethos de Responsabilidade Social Empresarial**. São Paulo. 2007.
- FERREIRO, Emília; **Reflexões sobre alfabetização**. Tradução Horácio Gonzales, 24 ed. Atualizada. São Paulo, Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1984.
- GILSTER, P. **Digital literacy**. New York: John Wiley & Sons, Inc., 1997.
- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001.
- KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- _____. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

KLEIMAN, Ângela B. (org), **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995. P. 19-20.

LION, C. G. **Nuevas maneras de pensar tiempos, espacios y sujetos**. In: LITWIN, E. (Orga.). Tecnologías educativas en tiempos de internet. Buenos Aires, AG: Amorrortu, 2005. p. 181-212.

_____. **Mitos e realidades na tecnologia educacional**. In: LITWIN, E. (Orga.). Tecnologia educacional: políticas, histórias e propostas. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1997. p. 23-36.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola: O real o Possível e o Necessário**. Porto Alegre, RS: Art. Méd., 2002.

LÉVY, P. **A revolução contemporânea em matéria de comunicação**. In: Martins, F. M. e Silva, J. M. (orgs). Para Navegar no Século XXI. Tecnologias do Imaginário e Cibercultura. Porto Alegre: Sulina / EdiPUCRS, 2003, p.183-204.

MARQUES, M. O. **A escola no computador: linguagens rearticuladas, educação outra**. Ijuí, RS: Unijuí, 1999.

MONTENEGRO, INSTITUTO PAULO. **Folheto Analfabetismo Funcional - 2005**. São Paulo, 2005.

MORAN, J. M. Novos desafios na educação – a internet na educação presencial e virtual. In: PORTO, T. M. E. (Org.) Saberes e linguagens: de educação e comunicação. Pelotas, RS: Ed. Universitária – UFPel, 2001. p. 19-44.

MORAES, M. C. **Subsídios para Fundamentação do Programa Nacional de Informática na Educação**. Secretaria de Educação à Distância, Ministério de Educação e Cultura, Jan/1997.M. T.;

_____. Mudar a forma de aprender e ensinar com a internet. In: BRASIL. Salto para o futuro: TV e informática na educação. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1998. p. 81-90.

MORAIS, Gecilvânia Mota Silva. **Novas tecnologias no contexto escolar**. In: Comunicação & Educação. São Paulo, 200, ano VI, n 18, 15-21.

MOREIRA, Daniel Augusto. **Analfabetismo Funcional: o mal nosso de cada dia**. São Paulo: Pioneira, 2006.

_____. **Analfabetismo Funcional: Introdução ao Problema**. São Paulo, FEA USP e FECAP – Julho 2000. Disponível em: <<http://www.abmbrasil.com.br/cim/download/danielaugustomoreira.doc>> Acesso em: 01 de Abril de 2015.

MOURA, A. **Como rentabilizar a Web nas Aulas de Português: uma experiência**. In António Mendes, Isabel Pereira e Rogério Costa (eds), Simpósio Internacional de Informática Educativa. Leiria: Escola Superior de Educação de Leiria, 2005, p. 57-62.

OLIVEIRA, Aristóteles da Silva. **Perspectivas para formação de professores na sociedade da informação**. In: MERCADO, Luis Paulo Leopoldo(org.). Percursos na Formação de Professores com Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação (org.). Maceió: Edufal, 2007

RIBEIRO, V. M. R. **Alfabetismo Funcional: Referências conceituais e metodológicas para a pesquisa**. Educação & Sociedade. Campinas: Autores Associados, v. 18, n. 60, 1997.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social** – São Paulo: Párabola Editorial, 2009.

_____; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-32.

_____. **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. **Entrevista Multiletramentos, multilinguagens, novas aprendizagens, com Roxane Rojo**. Ter, 15 de Outubro de 2013 16:53

SOUZA, V. V. Soares. **Letramento digital e formação de professores**. Revista Língua Escrita, n. 2, p. 55-69, dez. 2007.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 23, n. 81 p. 143-160, dez. 2002.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. **Letramento e escolarização**. In: RIBEIRO, era Masagão (org.). Letramento no Brasil. São Paulo: Global, 2003. Pt. 2 p.89-115.

_____. **A. Comunicação em Língua Portuguesa** (Coleção Didática - 4 Volumes). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975

SARAIVA, Terezinha. **Educação a distância no Brasil: lugares da história**. In: Em aberto, Brasília, DF, ano 16, n. 70, p. 17-27, abr./jun.1996.

SANCHO, Juana Maria, **Para uma Tecnologia Educacional**. Porto Alegre, Artmed, 1998. (Tradução Beatriz Afonso Neves.

SFEZ, L. **A Comunicação**. Lisboa: Instituto Piaget. 1991.

SIGNORINI, Inês. **Letramento e (in) flexibilidade Comunicativa**. In: KLEIMAN, Ângela B. (org.) Os significados do Letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. p. 161 a 199.

STONIER, T. **The wealth of information**. Londres:Thames-Methuen. 1983.

TFOUNI, L.V. **Letramento e Alfabetização** S. Paulo: Cortez Editores. 1995.

VI ANEXOS

6.1 ANEXO I

O CANGACEIRO

(alunos do Projeto Animando Histórias da UFPE/CAA)

Essa história com a vida de um homem violento

Sua vida foi cercada de tragédia e lamento

Ainda muito moço viu sua família morrer

Dessa data prometeu não mais sofrer

Tornou-se cangaceiro, matador profissional

Atirador de primeira, um bandido genial

Não tinha medo de nada, desafiava volante

Que era um tipo de polícia, que prendia meliante

Nada era capaz de deter o cangaceiro

Pois lampião tinha o Diabo, como valioso parceiro

Juntou-se com ele, um bando de cabra ruim de amargar

Que com as ordi de Lampião, aterrorizava o lugar

O mais fiel entre eles, era o valente Corisco

Cabra forte e corajoso, sempre pronto a correr risco

Era meio atrapalhado, mas fiel ao capitão

Que era como ele chamava, o terrível Lampião

Lampião era temido, provocava alvoroço

Metia medo em todos, inclusive no mais moço

De mentira e cabra frouxo, Lampião não gostava

Roubava suas fortunas, mas do pobre não roubava

Eram muitas as lendas, que o povo então dizia

Histórias interessantes, de como eles faziam

Das maldades e bondades, que seu bando cometia

Lendas horripilantes, envolvendo coisa ruim

De como eles se encontraram e de como foi seu fim

Conta o povo que um dia, o demônio apareceu

E uma linda garota pra Lampião prometeu

Disse o capeta tentador, para o grande
Lampião:

Roube uma linda garota e ganhará seu
coração

Mate gente fique forte e ela vai se apaixonar

Nunca perdoe ninguém, que eu não vou te
abandonar

Então numa bela noite, Lampião a passear

Viu de longe uma moça e ficou a espiar

Maria bonita era linda e roubou seu coração

Com apenas uma flor, derrotou o Lampião

Os dois formaram um reinado de terror lá no
sertão

Pois agora quem dava as leis, era o grande
Lampião

Lampião era valente e não perdoava
ninguém

Homem, mulher, menino, nem velho
perdoava também

Os dois se amavam muito, mesmo sendo tão
ruim

Como pode nessa vida, um casal viver
assim?

Num dia, no meio da mata, se chamando de
meu bem

No outro matando gente, sem ter pena de
ninguém

Veza o outro, o diabo pra Lampião aparecia

Transformado numa cobra, a Lampião
advertia

Lembre-se sempre, nunca esqueça, do trato
que a gente tem

Nunca fique contra mim e não perdoe
ninguém

Lampião só escutava, sem nada poder falar

O diabo lhe avisava, quando a volante ia
chegar

Com os conselhos do diabo, conseguia se
esconder

Com a proteção do capeta, não tinha o que
perder

Mas um dia o coração de Lampião se
amoleceu

Perdoou o fazendeiro, que com a volante se
meteu

Desobedeceu ao diabo e perdeu a proteção

Acabou com sua cabeça, numa estaca no
sertão

Dizem que foi o coisa ruim, que lesou o
cangaceiro

Revelando pra volante, o esconderijo
verdadeiro

Na noite escura e assombrosa, homens
foram degolados

Pelos rifles da volante, Lampião foi apagado

Da tramoia do diabo, nem Lampião escapou

Pois a alma de seu bando, o diabo carregou

Fazer o mal, só dá nisso, ninguém nunca se dá bem

Espero que tenham aprendido, com essa história também.

QUESTIONÁRIO
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
CFORM/MEC/SEEDF

Tendo o texto o cangaceiro como referência, marque V para a(s) afirmação(ões) verdadeira(s) e F para a(s) afirmação(ões) falsa(s) e depois marque a sequência encontrada.

- () O parceiro de lampião era o diabo
- () Corisco chamava lampião de capitão
- () Lampião fez um pacto com Maria Bonita

- a) () V-V-V
- b) () V-V-F
- c) () V-F-V
- d) () F-V-V
- e) () V-F-F
- f) () F-F-V
- g) () F-V-F
- h) () F-F-F

Tendo o texto o cangaceiro como referência, marque V para a(s) afirmação(ões) verdadeira(s) e F para a(s) afirmação(ões) falsa(s) e depois marque a sequência encontrada.

- () Maria bonita foi prometida pelo diabo
- () No bando de Lampião Corisco era o único cabra ruim de amargar
- () Lampião morreu porque desobedeceu o diabo

- a) () V-V-V
- b) () V-V-F
- c) () V-F-V
- d) () F-V-V

- e) () V-F-F
- f) () F-F-V
- g) () F-V-F
- h) () F-F-F

Tendo o texto o cangaceiro como referência, marque V para a(s) afirmação(ões) verdadeira(s) e F para a(s) afirmação(ões) falsa(s) e depois marque a sequência encontrada.

- () Lampião se tornou tão famoso, que o povo conta lendas ao seu respeito
- () O bando de Lampião era tão terrível quando ele
- () O cabra ruim aparecia para Lampião em forma de cobra

- a) () V-V-V
- b) () V-V-F
- c) () V-F-V
- d) () F-V-V
- e) () V-F-F
- f) () F-F-V
- g) () F-V-F
- h) () F-F-F

Tendo o texto o cangaceiro como referência, marque V para a(s) afirmação(ões) verdadeira(s) e F para a(s) afirmação(ões) falsa(s) e depois marque a sequência encontrada.

- () A lenda contada não tem nenhuma parte verdadeira.
- () Corisco era o único fiel no bando de Lampião
- () Lampião foi tentado pelo diabo

- a) () V-V-V
- b) () V-V-F

- c) () V-F-V
- d) () F-V-V
- e) () V-F-F
- f) () F-F-V
- g) () F-V-F
- h) () F-F-F

Tendo o texto o cangaceiro como referência, marque V para a(s) afirmação(ões) verdadeira(s) e F para a(s) afirmação(ões) falsa(s) e depois marque a sequência encontrada.

- () Corisco ao chamar Lampião de capitão quer reforçar sua fidelidade
- () Segundo o texto podemos afirmar que lampião tinha patente militar, pois era chamado de capitão
- () Lampião estava nas mãos do cabra ruim

- a) () V-V-V
- b) () V-V-F
- c) () V-F-V
- d) () F-V-V
- e) () V-F-F
- f) () F-F-V
- g) () F-V-F
- h) () F-F-F

Tendo o texto o cangaceiro como referência, marque V para a(s) afirmação(ões) verdadeira(s) e F para a(s) afirmação(ões) falsa(s) e depois marque a sequência encontrada.

- () Podemos comparar Lampião com Robin Hood, quando o autor escreve que Lampião não roubava dos pobres.

() Lampião foi traído

() O aprendizado, citado no final da história, está se referindo a tragédia e lamento na vida de Lampião.

a) () V-V-V

b) () V-V-F

c) () V-F-V

d) () F-V-V

e) () V-F-F

f) () F-F-V

g) () F-V-F

h) () F-F-F

Escreva o que você entendeu do texto acima

6.2 ANEXO II

QUESTIONÁRIO

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

CFORM/MEC/SEEDF

1 – O vídeo apresentado antes do texto ajudou a responder as questões?

() não () um pouco () satisfatória () muito () bastante

2 – As tecnologias (internet, redes sociais, data show ...) utilizadas em sala de aula contribui na compreensão de textos?

() não () um pouco () satisfatória () muito () bastante

3 _ Você consegue entender e aprofundar o conteúdo estudado em sala utilizando as tecnologias (internet, redes sociais, data show...)?

() não () um pouco () satisfatória () muito () bastante

6.3 ANEXO III

QUESTIONÁRIO
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
CFORM/MEC/SEEDF

ASA BRANCA

Luiz Gonzaga

Quando olhei a terra ardendo
Com a fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornaia
Nem um pé de prantação
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Inté mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Então eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Então eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Hoje longe, muitas légua
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo

Pra mim voltar pro meu sertão

Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão

Quando o verde dos teus óio
Se espaiar na prantação
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração

Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração

Tendo o texto Asa Branca como referência, marque V para a(s) afirmação(ões) verdadeira(s) e F para a(s) afirmação(ões) falsa(s) e depois marque a sequência encontrada.

-) A terra é muito quente
-) O personagem vive longe e triste.
-) O personagem quer voltar.

- a)) V-V-V
- b)) V-V-F
- c)) V-F-V
- d)) F-V-V
- e)) V-F-F
- f)) F-F-V
- g)) F-V-F
- h)) F-F-F

Tendo o texto Asa Branca como referência, marque V para a(s) afirmação(ões) verdadeira(s) e F para a(s) afirmação(ões) falsa(s) e depois marque a sequência encontrada.

-) Quando a chuva cair o personagem vai voltar
-) A terra relatada no texto é o sertão.
-) A pessoa que ficou era Rosinha.

- a)) V-V-V
- b)) V-V-F
- c)) V-F-V
- d)) F-V-V
- e)) V-F-F
- f)) F-F-V
- g)) F-V-F

h) () F-F-F

Tendo o texto Asa Branca como referência, marque V para a(s) afirmação(ões) verdadeira(s) e F para a(s) afirmação(ões) falsa(s) e depois marque a sequência encontrada.

() O cavalo do personagem também morreu.

() O personagem questiona Deus sobre a situação da terra.

() Rosinha foi completamente abandonada sem nenhuma esperança de retorno do amado.

a) () V-V-V

b) () V-V-F

c) () V-F-V

d) () F-V-V

e) () V-F-F

f) () F-F-V

g) () F-V-F

h) () F-F-F

Tendo o texto Asa Branca como referência, marque V para a(s) afirmação(ões) verdadeira(s) e F para a(s) afirmação(ões) falsa(s) e depois marque a sequência encontrada.

() O personagem toma a decisão de deixar sua terra vendo a judiação dela.

() Rosinha também acompanha o amado pelo coração

() A ave Asa Branca também não aguentou a judiação da terra.

a) () V-V-V

b) () V-V-F

c) () V-F-V

d) () F-V-V

e) () V-F-F

- f) () F-F-V
- g) () F-V-F
- h) () F-F-F

Tendo o texto Asa Branca como referência, marque V para a(s) afirmação(ões) verdadeira(s) e F para a(s) afirmação(ões) falsa(s) e depois marque a sequência encontrada.

- () Segundo o sertanejo quando a chuva cair a judiação da terra vai acabar.
- () O personagem quer voltar, mas somente depois que Rosinha guardar o seu coração.
- () O sertanejo faz uma promessa a Rosinha.

- a) () V-V-V
- b) () V-V-F
- c) () V-F-V
- d) () F-V-V
- e) () V-F-F
- f) () F-F-V
- g) () F-V-F
- h) () F-F-F

Tendo o texto Asa Branca como referência, marque V para a(s) afirmação(ões) verdadeira(s) e F para a(s) afirmação(ões) falsa(s) e depois marque a sequência encontrada.

- () Rosinha também está esperando pelo sertanejo.
- () O sertanejo vive longe e triste, por ter deixado Rosinha.
- () Segundo o sertanejo as plantas, o gado e o alazão morreram por falta d'água.

- a) () V-V-V

- b) () V-V-F
- c) () V-F-V
- d) () F-V-V
- e) () V-F-F
- f) () F-F-V
- g) () F-V-F
- h) () F-F-F

Escreva o que você entendeu do texto acima

6.4 ANEXO IV

ENTREVISTA

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

CFORM/MEC/SEEDF

- 1 – Seus alunos conseguem interpretar, de forma satisfatória, um texto compatível com o grau de escolaridade deles?
- 2 – O que você costuma fazer ou utilizar para sanar dificuldades ou aperfeiçoar?
- 3 – Você utiliza recurso tecnológico em suas aulas? Se não usa, por que?
- 4 – Quando você costuma usar as tecnologias em suas aulas? Se não usa, por que?